

CONSTRUÇÕES VINCULARES NAS INSTITUIÇÕES

(2010)

Isa Maria Zimmermann de Araujo

Psicóloga. Psicanalista. Membro do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (Brasil)

Email:

isaziaraujo@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o propósito de ampliar o conhecimento da Psicopatologia do Transtorno Mental com base na escuta e na participação do trabalho em grupo. Foi possível refletir sobre a experiência num grupo de oficina criativa e observar seu resultado concreto. A autora faz uma análise de situações vivenciadas procurando tecer uma reflexão com a bibliografia específica. Um convite para o leitor fazer uma reflexão sobre o seu papel como cidadão, profissional ou profissional em formação, no processo de inclusão do doente mental.

Palavras-chave: Inclusão, vínculo, aceitação de diferenças

I - INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato em instituição de saúde mental para pacientes graves e ou crônicos foi numa Instituição Manicomial nos anos 1980, quando estagiária do quarto ano de enfermagem da UNITAU. Um dos pressupostos básicos de uma instituição característica do sistema hospitalar, consistia em segregar o *insano* do mundo dos *sãos*, inclusive afastando-os de seus familiares. Os pacientes em regime de internação, com permanência indeterminada, eram numerados em seus prontuários, rotulados por supostos diagnósticos baseados em sinais e sintomas, obedecendo a uma rigorosa classificação médica de referencial organicista, com tratamentos nivelados e que raramente passavam por revisões. No ambiente havia a predominância dos iguais sobre os diferentes, representados por uma minoria, os cuidadores. Viviam segregados do mundo com a mínima chance de superar a condição pré-estabelecida e diagnosticada.

Mais de vinte anos depois de ter tido a primeira incursão numa Instituição de Saúde Mental, realizei uma nova experiência. Agora, no primeiro dia, não consegui me afastar da experiência anterior. Não podia imaginar o novo modelo proposto pelo governo do estado a pacientes graves ou crônicos, pois a vivência anterior me distanciou da realidade imediata, me prendendo a sensações antigas. Felizmente durou pouco.

Um dos pressupostos básicos desse novo sistema de atendimento ao transtorno mental é a inclusão do diferente numa sociedade que o comporte, que o compreenda, tornando-o mais confortável em sua subjetividade. A aposta nesse sistema parte do princípio de que se o sujeito se aceita nas suas diferenças individuais passará a aceitar os diferentes no seu convívio. A estranheza embora continue existindo tenderá a ser menos negada.

Os critérios habituais referidos popularmente sobre normalidade e anormalidade ou sanidade e insanidade, são estreitos, e possuem uma conotação que incapacita o sujeito de viver em comunidade.

O modelo dos CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS), embora questionado e repensado, significa uma tentativa de romper com um modelo de sociedade onde as diferentes habilidades, a insuficiência, o incerto, a falha, o feio, o esquisito é rotulado como ET (extra-terrestre), colocando-o num lugar para fora do mundo dos humanos, previsíveis, constantes, massificados e doutrinados pelo senso comum.

Após o primeiro mês, percebi que havia ali a possibilidade de existir um lugar com liberdade essencial para a sobrevivência do ser humano. Senti-me livre para me aproximar de pessoas que frequentam o ambiente, porque têm vontade de conviver, partilhar experiências, desenvolver-se, aprender, conhecer e conhecer-se, e principalmente tratar-se. Possuem casas, abrigos de morada, mas podem transitar pelo CAPS e movimentar-se pelas ruas, sentir o sol, permanecer no convívio por alguns momentos, horas, e depois retornar para casa. Podem vir diária ou periodicamente.

Os usuários, como são chamados os frequentadores do CAPS, são atendidos em sua singularidade, necessidades são ouvidas, são atendidas, quer seja em psicoterapia individual, atendimento médico e psiquiátrico, na participação dos grupos das diferentes oficinas, bem como tomar banho, comer, dormir, trocar de roupa, obter medicamentos prescritos para o seu transtorno. Há usuários jovens que nunca trabalharam, que estudaram até a adolescência e foram acometidos por uma crise confusional e não conseguiram se restabelecer socialmente. Outros usuários de meia-idade que conseguiram estabelecer vínculos temporários com o casamento, esposa, filhos e trabalho até que uma crise emocional os descompensou. Há casos de usuários que trabalharam, casaram e que numa idade mais avançada não conseguiram manter a sanidade.

Existem usuários que estão estabilizados emocionalmente há alguns anos, sem crises confusionais, mas que continuam participando ativamente das oficinas do CAPS.

Pude perceber que os usuários que frequentam o CAPS são de diferentes níveis de comprometimento mental/emocional, condição social e econômica.

O processo para a implantação dos CAPS é longo e custoso. Mudar uma cultura institucionalizada arraigada em pressupostos rígidos é um projeto audacioso, necessitará persistência. Significa provar que uma nova ideia, revolucionária pode ser melhor, mesmo demandando a saída da zona de conforto de todo um sistema de sociedade que se ‘acostumou’ a excluir ‘o que dá defeito’ e substituí-lo por um objeto ideal como um novo cãozinho de estimação, ao invés de incluir ‘o que não é ideal’. Segundo o Dicionário Aurélio (2002) incluir significa somar, juntar esforços, integrar.

A prática hospitalar psiquiátrica é uma moeda corrente que está em uso desde os tempos em que se trocava ‘humano’ por coisas para atender as necessidades básicas do Senhor. É uma instituição que vive à margem das necessidades da sociedade vigente, não acompanha o desenvolvimento dos pensamentos, faz vista grossa ao que está evidente. A prática nas clínicas particulares apóia-se na experiência, nos resultados das pesquisas para incluir uma técnica, que se modifica face às informações que ocorrem simultâneas em qualquer região do país ou do globo cujo foco seja a promoção da saúde. Acredito que essa tônica seja a força motriz dos CAPS.

A civilização humana se compõe de todos os matizes de loucura e, assim como as cores, vai do branco ao preto. Estar à margem significa privilegiar o empobrecimento da percepção do novo, do não costumeiro, do não descoberto ou do já orientado. Com certeza a convicção plena induz a permanência do mundo marginal, os chamados ‘depósitos de gente’.

Em 2007, participei da Oficina Criativa, uma experiência que pretende desenvolver diferentes habilidades, no que se refere ao processo de criação, pesquisa, trabalho em equipe, sentido de pertencer e ser cooperante na construção de um projeto.

A ótica sobre estar bem e se sentir bem tem as mais variadas conotações, dependendo do contexto e das circunstâncias dos sujeitos que dão a sua opinião. Assim, convivendo numa sociedade estamos sujeitos a ter que manejar as diferentes percepções e situações apresentadas, considerando que os imprevistos farão parte da construção de um projeto.

Pretendo fazer um breve estudo sobre os vínculos estabelecidos numa instituição de saúde mental, com a intenção de ampliar os meus conhecimentos na Psicopatologia dos Transtornos Mentais. Com base na minha experiência, somadas aulas, livros, leituras complementares de abordagem psicanalítica, mais especificamente de Bion, farei uma incursão pelo tema e quem sabe me abrir para um campo de pesquisa posterior mais amplo.

II - OBJETIVO

Entender as diferentes interações vinculares estabelecidas numa Instituição de Saúde Mental para atendimento de doentes crônicos e graves.

III - AS RELAÇÕES VINCULARES

Entre os sete elementos da psicanálise preconizados por Bion (1963), a teoria dos vínculos ocupa lugar preponderante Nas relações transferenciais e contratransferenciais, em que o analista e analisando, locutor e interlocutor estabelecem diferentes relações é que se instala o campo psicanalítico. Utilizei os termos locutor e interlocutor, pois independente da condição estabelecida e o local da prática, clínica ou institucional, a presença deste campo de interação vincular se efetiva e pode ser expresso por diferentes modelos e vértices de abordagem.

Em Zimerman (2004, pg 192), a etimologia do termo vínculo alude a alguma forma de ligação, do latim *vinculum*, que significa uma união, com as características de uma ligadura, uma atadura de características duradouras. “Da mesma forma vínculo provém da mesma raiz que a palavra ‘vinco’ (com o mesmo significado que aparece, por exemplo, em ‘vinco’ (de calças, ou de rugas), ou seja, alude a alguma forma de ligação entre as partes que estão unidas e inseparadas, embora claramente delimitadas entre si.”

Nos diferentes trabalhos de Freud, Klein, Bowlby na abordagem da psicanálise bem como Bateson no estudo da comunicação humana, outros se detiveram no tema durante o curso dos seus estudos e deram a sua contribuição.

Para Bion (1959) o conceito de vínculo compreende qualquer função ou órgão que desde a condição de bebê, esteja encarregado de vincular objetos, sentimentos e ideias uns dos outros. Dessa forma descreveu os vínculos de amor (L), ódio (H) e conhecimento (K) que podem no geral ser considerados com valência positiva ou negativa. Este autor privilegia o vínculo (-K), para estender sua observação, por tratar-se de um ataque ao vínculo do conhecimento, ou seja, um ataque à percepção, que gera uma desvitalização e anulação dos significados emocionais. Pessoas com comprometimentos emocionais graves expressam mais nitidamente estes acontecimentos.

Utilizo alguns recortes de situações vividas em diferentes oficinas do CAPS Perdizes para ilustrar o que pode significar o ataque aos vínculos perceptivos, especialmente no que se refere à anulação dos significados e experiências emocionais.

Pedro, usuário do CAPS, com histórico de hospital psiquiátrico de longo tempo, desde o início procurou estabelecer um vínculo particular comigo, de diferentes maneiras a cada encontro, chamando-me para o campo institucional, como no exemplo do encontro no jardim.

No mês de maio observei alguns usuários do CAPS, reunidos jogando dominó, outros sentados nos bancos espalhados pelo jardim. Um deles, que mais tarde identifiquei ser o Pedro, arava a terra, aproximou-se de mim, sorridente, me explicou o que estava fazendo. Pretendia plantar sementes, que brotariam para que pudessem ser colhidas. Depois me mostrou o canteiro de roseiras e disse que se as rosas pudessem ser colhidas enfeitariam o altar de Nossa Senhora, mas como não podiam ser colhidas, continuariam enfeitando o jardim. Perguntou-me “a senhora estará aqui até quando?”. Respondi que iria ficar com eles até o final do ano. Disse a ele que gostaria de trazer uma muda de roseira branca e perguntei, tem no jardim esta cor? Disse que não, mas que não adiantaria trazer, pois, eu não veria as flores porque iria embora antes disso. “Mesmo eu não estando aqui para vê-la crescer e dar flores, ela servirá para contemplação de todos e continuará enfeitando o jardim da mesma maneira que as outras roseiras”.

Pedro olhou para mim e disse: “Você está muito bonita, mas acho que se estivesse com o casaco preto e a blusa de dentro branca ficaria mais bonita hoje, você não acha?”. Agradei o elogio e continuei respondendo a ele com uma pergunta: “Hoje estou vestida assim, um outro dia poderei estar vestida com outra roupa de outra cor, mas continuarei sendo a Isa.”. Novamente ele parou, olhou pra mim e sorriu.

O vínculo apresenta determinadas características, uma delas é ser sempre de natureza emocional, e outra é que para se tornar estável necessita que o sujeito possa pensar as experiências emocionais na ausência do outro.

Pedro começou a participar da oficina criativa assiduamente, sentando-se ao meu lado, procurando colaborar comigo, me incentivar na maior parte do tempo, quando dizia aos colegas usuários ou a visitantes do CAPS que eu era professora Eu por minha vez o incluía, convidava-o para falar, que permanecesse durante as reuniões, assim como fazia com outros integrantes do grupo. Pedro a cada dia ficava mais entusiasmado, embora o tempo que permanecesse no ambiente variasse, entrava, ficava, saía e depois voltava e ficava por mais algum tempo e novamente saía para não mais voltar.

Na atividade Encontro das Palavras, seu irmão José teve participação ativa, ao contrário do que acontece. Numa destas entradas e saídas do ambiente, Pedro ouviu o relato transcrito por mim das lembranças de seu irmão. Ainda em pé, ficou ofendido porque a memória do seu irmão não contemplou as mesmas imagens que as ele, quando juntos viveram os mesmos acontecimentos da infância. Agrediu o irmão, caçoou, disse que o irmão não conseguiu ficar casado, etc. Eu como coordenadora da atividade, sem mudar o tom de voz e com a mesma postura na cadeira, convidei Pedro para falar das lembranças dele, dizendo que aquelas relatadas

até então eram do seu irmão José. Pedro começou a rir e falar coisas fantasiosas desconversou e saiu.

Bion estendeu a teoria vincular para além dos dois vínculos, de amor e ódio, bem desenvolvidos por Freud e Klein. Uma terceira natureza de vínculo, o do conhecimento que se relaciona à aceitação ou não das verdades penosas, tanto as internas como as externas, que dizem respeito a auto-estima dos indivíduos.

Quando Pedro está sendo agressivo com os outros, por não estar se sentindo entendido e respeitado, sua agressividade junto com o ódio está mais a serviço da vida do que da morte, na tentativa de adquirir um sentimento de identidade próprio, usando uma emoção contra uma antiemoção.

No último dia dessa atividade foi feita a leitura do conto “Lembranças da minha Infância” elaborada da compilação dos vários escritos e relatos feitos pelos participantes da oficina e organizados por mim, num único texto, quando procurei não alterar a maneira singular de cada autor contar a sua parte da estória. O personagem tem um nome fictício (João), o tema foi proposto pelo grupo, bem como a ordem dos diversos fragmentos foram discutidos em conjunto.

Ao efetuar a leitura, os usuários identificavam as suas histórias e sorriam entusiasmados com sua produção. Aqueles que escutavam a história inteira não tinham conhecimento de qual parte pertencia a cada um, entusiasmavam-se com o enredo que por vezes ficava engraçado, confuso e até mesmo emocionante.

Nesse momento o grupo adquiriu unanimidade de pensamento e objetivo, que transcendeu aos indivíduos e se institui como uma entidade à parte.

Os usuários aderiram às emoções do grupo, como uma unidade. Por vezes um usuário ficava fora da sintonia, e o grupo reagia procurando harmonizar a escuta. O usuário aceitava e ficava ou saía para não voltar. Uma cultura se instalou no grupo, resultante do conflito de uma oposição entre as necessidades da mentalidade do grupo e as de cada indivíduo em particular.

Pedro nesse dia, desde a minha chegada estava alterado, reclamou que eu não havia olhado para ele quando cheguei. Respondi cumprimentando-o e disse que nem havia dado tempo de chegar e cumprimentar os que estavam lá. Ficou calado.

Convidei os usuários para a reunião, lia o conto feito por eles e gostaria que dessem suas opiniões. Pedro me puxou pelo braço, delicado, mas com ênfase, me levou para observar o quadro de avisos com o comunicado sobre a atividade Encontro das Letras. Na assinatura onde constava o meu nome, ele havia escrito ao lado o nome dele, numa alusão de que estava coordenando a reunião comigo. Eu não disse nada.

Convidei-o que me acompanhasse para onde o grupo estava reunido. Pedro no transcorrer da leitura interferia, ria, agredia as memórias relatadas por seu irmão José, mudava o assunto, tentava manipular a atenção, me desestabilizar na coordenação, desestabilizar o grupo, solicitava

atenção, alegando não estar incluído como participante da redação ou ilustração. Pedi que se sentasse conosco, ao meu lado, que tinha um espaço e que nos ajudasse porque o texto não estava pronto e que precisávamos da sua contribuição. Uma das formas do paciente atacar o vínculo do conhecimento é atacar a função de ‘pensar’ do analista, especialmente pelo uso da sua linguagem, para obrigar que o terapeuta pense dentro dos parâmetros que o paciente impõe, tomando as hipóteses como fatos reais ou impondo os ‘porquês’, de modo a direcionar a sessão.

Novamente Pedro agrediu o irmão. Pedi para que contasse as suas lembranças, pois aquelas que ele havia identificado eram lembranças do seu irmão, como ele havia sentido a experiência da infância dele, que Pedro trouxesse as suas próprias. Não poderia contá-las. Sentou, abaixou a cabeça, aquietou-se por alguns momentos, mas não ficou. Tenho que ir.

Como observa Bion, todos os exemplos de ataques aos vínculos precedem de uma condição esquizoparanóide, insistindo em usar o termo ‘vínculo’ (*linking*, também traduzido por ‘elo de ligação’), para ressaltar que na situação analítica, a relação do paciente não é tanto com o terapeuta, como um objeto, mas sim com uma função. Afirmo Bion: “Interessam-se não só o seio ou o pênis ou o pensamento verbal, mas também a sua função de proporcionar um vínculo entre dois objetos”.

Os ataques não se devem aos conteúdos interpretativos, mas ao fato de ele estar compreendendo a tarefa de interpretar que, quando bem sucedida, representa um elo de ligação entre dois pensamentos, característicos de uma interligação humana. Geralmente os pacientes são do ‘contra’, por razões de obediência ao objeto interno da parte psicótica da personalidade, que se opõe a qualquer tipo de vínculo e o destrói.

Na oficina culinária as regras para a confecção de cachorro quente e, depois, para comê-lo foram estabelecidas antes do dia da atividade. Alguns usuários não quiseram fazer, mas queriam o direito de comer.

Um dos usuários, Paulo, após algumas investidas retornou e pediu para comer o cachorro quente. Eu disse não e mais uma vez expliquei que ele tinha escolhido não participar, que ficou combinado que só quem permanecesse na oficina comeria. Ele ficou impaciente: “você estão cozinhando meu coração e meu cérebro naquela panela” (sic), respondi: “não, estamos cozinhando salsicha, seu cérebro está aí dentro da sua cabeça e seu coração está batendo no seu peito” (sic), resmungou qualquer coisa, virou-se para um cuidador e pediu um gole de café. O senhor disse que não podia, que estava seguindo as regras. Ficou do lado de fora, conversando com os usuários, fazendo observações quanto à minha negativa.

Bion faz uma analogia que torna claro a estrutura característica do ego do paciente e sem dúvida é indicador fiel de como esse paciente se defende e se comporta na vida real.

Pode se reconhecer com facilidade qual a natureza de uma determinada árvore não-identificada, com o aparecimento dos seus frutos, diz Zimerman (2002). O autor concebe o tipo de ataque ao vínculo caracterizado por resistência, como uma forma de construção do ego do

indivíduo para se defender dos perigos, como neste caso, um paciente considerado difícil. Trata-se de uma hipertrofia defensiva para garantir a sua sobrevivência psíquica ante o terror do desamparo e do aniquilamento. É uma técnica de salvaguardar a vida, que se torna mais compreensível pela etimologia da palavra resistência, onde 're' significa de novo outra vez, e 'sistere' significa continuar a existir. Resistir está a serviço da vontade de viver, de continuar a existir e o contrário disto seria desistir de viver. Seria funesto.

O projeto Encontro das Letras na oficina criativa do CAPS- Perdizes teve como resultado a publicação de livro em 2009 com tarde de autógrafos dos usuários. O livro foi premiado com Honra ao Mérito em concurso literário na Saúde Mental da Cidade de São Paulo (no Anexo I, o conto escrito pelos usuários).

IV - CONCLUSÃO

O Lugar do Desejo

Em 2004, ministrando um seminário sobre a inclusão de alunos especiais para coordenadores e diretores da rede de ensino pública de São Paulo, debati uma notícia do jornal de que está havendo um grande movimento para a extinção dos hospitais psiquiátricos no país e a consequente reintegração das pessoas internadas em seus lares.

O hospital frequentemente é visto como um depósito de pessoas impossibilitadas de permanecer em seus lares e que muitas vezes são esquecidas pelos familiares. A família os interna para que tenham a possibilidade de algo novo ou os descartam por não acreditarem em alguma possibilidade de recuperação ou inserção na sociedade?

Não temos respostas e acreditamos que as respostas nunca serão definitivas. Cabe aqui o questionamento sobre o lugar do desejo. Será que realmente queremos o que desejamos?

Quando levamos essa pergunta para as discussões nos diversos âmbitos sobre inclusão ou exclusão de doentes especiais, em ambulatórios especiais, para serem tratados na sua singularidade, talvez as respostas continuem indefinidas.

Podemos enumerar uma série de pontos positivos e outra série, talvez maior, de pontos negativos. Quando falamos de inclusão, realmente estamos desejando que os doentes mentais sejam incluídos ou intimamente não queremos? Porque a inclusão de doentes mentais graves, diferentes dos habituais considerados oportunos na convivência em sociedade, implicará em desassossego, em inquietação.

Nós profissionais que temos a responsabilidade sobre esses diferentes, incluímos porque somos obrigados ou incluímos porque entendemos a necessidade?

Para aceitarmos a inclusão do doente mental precisamos passar por um processo de desconstrução do que já sabemos e depois por uma nova construção de estratégia adequada para cada doente em sua singularidade. Depois disso, as práticas adotadas deverão sofrer reavaliação e a consequente nova adequação, e assim sucessivamente. O trabalho é extenuante.

A clínica ampliada é fundamental para a compreensão deste processo de transformação pela diversidade. Falamos em integralidade, multidisciplinaridade, para tratar a doença, o transtorno. A reforma psiquiátrica nasceu com a postura crítica em posição ao saber posto. O paradigma manicomial se refere a superar o conceito de inclusão e introduz-se o processo de transformação pela diversidade.

A exclusão, no entanto, é menos complicada, não mexe em ideais, entendemos que estamos prontos, que o nosso saber já está posto de uma vez por todas. Permanecermos na exclusão significa permanecer no que é rotineiro, menos complicado.

Para alguns a exclusão pode significar um atoleiro, para outros uma comodidade. A dúvida está lançada. De que lado ficar? O significado do compromisso assumido diz respeito a nós mesmos. A reflexão se abre para a tomada de decisão.

ANEXO I

Atividade Encontro das Letras

A história escolhida para ser contada foi “Guardachuvando Doideiras”, de Sylvia Orthof. Trata-se de um personagem chamado Dito que morava numa cidade onde chovia muito. O único guarda-chuva que tinha – uma relíquia familiar – não podia ser usado. Às vésperas da comemoração de seu centésimo aniversário, Dito relembra em “capítulos curtíssimos” aqueles tempos de garoto pobre na cidade de Petrópolis e suas aventuras para conseguir um novo guarda-chuva.

Histórias de uma infância feliz.

Ali naquela fazenda morava João, menino esperto, de olhar vivo que observava tudo que acontecia. Hoje já mais crescido conta alguns momentos de seu tempo de menino.

Eu nasci numa fazenda chamada Fazenda Suíça, ficava lá em Lins, comarca de Lins. As casas eram grandes, de madeira, tipo suíço. Na minha casa tinha seis cômodos, três quartos, duas salas, cozinha e varanda. A escola ficava longe. Tinha uma porteira que as pessoas do lugar diziam ser assombrada. Também tinha uma estrada com barranco dos dois lados, mais adiante um morro inteirinho plantado com pés de café e subindo o morro ficava a sede da fazenda e a escola que eu ia todos os dias.

Lá onde eu vivia era chamado Colônia, pois eram casas dos colonos que trabalhavam na fazenda. A nossa casa era do lado de cá do rio e dos meus amiguinhos do lado de lá. Íamos todos para a escola fazendo nossas artes, levava sal para comermos com manga verde que os meninos maiores pegavam do pomar do dono da fazenda, no caminho da escola.

Teve um dia, um menino maior chamado Wilson foi andando na frente para pegar manga verde, quando um cachorrão grande pegou ele, chegando a ser levado às pressas para ser internado no hospital. Nós todos saímos correndo, cada um para um lado e eu fui correndo para o lado contrário, nem sei como caí dentro do rio. Molhei todo o uniforme e quando cheguei em casa ainda apanhei da minha mãe.

Era muito bom esse tempo, brincávamos de roda, lenço atrás, pega-pega e muito mais. A professora Dona Zola tinha uma filha bonita, morena chamada Vada. A Dona Zola me escolheu para fazer uma peça de teatro, junto com Vada. O nome da peça era “Boneca de Piche”. Me lembro um pouco, era mais ou menos assim: Eu tinha que dizer (João) Boneca de piche quem é que te quer? E Vada tinha que responder: És tu meu neguinho, pra tua mulher te dar muitos beijos, fazer cafuné e fazer cosquinhas na sola do pé. Mas como eu era muito tímido, por apanhar

muito da minha mãe, eu tinha vergonha de errar. Talvez quem sabe mais por causa da Vada, recusei o papel na peça de teatro. Meu pai ficou uma fera, pois ele queria aparecer. Daí ele resolveu me dar uma poesia do Olavo Bilac que dizia assim:

As flores

Deus ao mundo deu a guerra, a doença, a morte e as dores.
Mas para alegrar a terra basta haver lhe dado flores
umas criadas com arte
outras simples e modistas
há flores por toda parte
nos enterros e nas festas
nos jazigos e cemitérios
nos jardins e nos pomares
nas florestas e nas jazidas
As flores enfeitam a morte
assim como enfeitam a vida.

Foi mais ou menos assim. Não me lembro muito bem, mas recitei e saí bem. O meu colega de classe quem ensaiou a peça, se chamava Mário Eugenio, ele tinha estrabismo. No final de cada ano na escola era feita uma festa com doces e salgados, e no final da festa, os alunos se apresentavam. Todos os alunos estudavam na mesma classe, eram divididos fileira por fileira, primeiro ano na primeira fileira, segundo na segunda, terceiro na terceira e assim afora.

Quando chegava no quarto ano, vinha de Jardineira, carro de transporte da época, o inspetor da cidade de fora levar os alunos para conhecer a cidade chamada Guaiambé, para tirarem diploma.

Voltando ao assunto, foi Mário Eugenio quem fez a peça com a Vada. Fiquei com ciúmes, ganhou um belo presente que eu queria ter ganhado. Fiquei com inveja sim, quando vi ele passando com o presente na frente da minha casa. Meu pai me chamou para ver e me disse você não presta pra nada mesmo, poderia ter ganhado esse presente.

Todos os dias eu e meus amiguinhos nos encontrávamos na porteira assombrada para irmos juntos para a escola. Me lembro do nome deles como se fosse hoje, tinha o Mário Eugenio, sua irmã Jôse Ciscate, a Neide, meu irmão Tônico e Artur, ambos pintadinhos que nem banana pintada de madura.

Ah, da outra colônia tinha a Joana, o Wilson, o Donato e Gustavo, um casazinho de japonês e muitos outros mais. Me lembrei dos filhos dos donos da fazenda que estudavam também na escola o Fritz e a Elizabeth, mas eles não brincavam com a gente.

Vou mudar de assunto e terminar por aqui este capítulo, tem muita estória para contar. Foi um tempo muito bom. Agora vêm as férias. Mais um tempo bom!

Nas minhas férias de escola costumava viajar para o Rio de Janeiro, ia para a casa da minha avó. Lá encontrava com meus tios, minhas tias e meus primos. Eu gostava quando chovia, era muito legal, porque lá fazia muito calor e a chuva refrescava e eu me sentia bem. Eu tomava banho de chuva com meus primos, correr na chuva era muito bom.

Durante o tempo em que ficava lá nas férias, passava o tempo com meu tio Jessé na fabriquinha de sapatos, pois meu primo trabalhava lá. Nos finais de semana, sábados e domingos ia ao parque de diversões. Gostava do bate-bate, mas gostava mesmo era de empinar pipa. Foi uma época da minha vida muito legal, tenho grandes recordações. Minha avó ainda é viva e estou planejando uma visita para ela e rever minha família.

Tempo bom aquele.

João depois de algum tempo se mudou para Piracaia. A vida lá era pescar, jogar bola, ir ao cinema. Me lembro que quando chovia o Rio Atibaia enchia e dava enchente. Trabalhei numa fábrica de sapatos desde moleque, desde os treze anos. O rio percorria da casa de cima até a casa de baixo. Em cima moravam os ricos e embaixo os pobres. Fui muito feliz.

Minha mãe lavava roupa para os batedores. Éramos sete irmãos e todos trabalhavam na fábrica. Uma fábrica de sapatos. Todos pescavam no rio e a minha mãe limpava os peixes para vender. Meu pai era pedreiro e pescador. Tinha um amigo na época que se chamava Ricardo que seu pai era pedreiro e mecânico e sua vó passava roupas para o pessoal.

Eu morava com minha avó e meu avô, ia na igreja direitinho. Tinha amigos em Sorocaba, mas não sei se irão me conhecer, pois já faz muito tempo que não os vejo. Fico confuso às vezes, minha cabeça é mexida.

Naquela época gostei do filme Tarzan. Tinha uma ação, brigava com o inimigo, os vestidos de caçadores. Eles morrem mesmo, todos morrem, né? Tinha também o filho do Tarzan, o boy que tinha a Chita. Todo mundo respeitava o Tarzan porque ele entendia e ajudava os outros.

Eu me lembro de uma vez que pegou fogo na fábrica de sapatos. A sirene tocou e eu fui primeiro lá no fogo. Joguei água daí aumentou, depois joguei a estopa e apagou. Conversamos de madrugada e começou a pegar fogo no outro lugar. Foi difícil dessa vez apagar. Queimou tudo menos os sapatos. Mais tarde foi arrumado tudo e voltou a produzir.

Quando tinha dezoito anos mudei para São Paulo para trabalhar na 25 de março, numa fábrica de sapatos. Vim morar com um tio e fui mal recebido. Naquele dia jantei pouco para não me sentir mal. Dormi embaixo da mesa. No dia seguinte às quatro horas levantei para procurar serviço. Foi uma benção arrumar emprego com o italiano. Na primeira vez que treinei fui bem. Ganhava dois réis por semana.

Eu tinha um colega, Mendes que trabalhava numa fábrica de bolsas de jacaré. O pai dele fazia bolsas, sapatos e vendia. O avô dele também era sapateiro, o pai dele e toda a sua família se tornaram sapateiros.

Casei e não deu certo. Larguei da mulher. Moço ainda, gostava de jogar futebol, jogava no gol, futebol de várzea. Eu tinha um primo que chegou a ser profissional na Portuguesa de Desportos, o apelido dele era Vado.

Na cidade de São Paulo o transporte era feito nos bondes, tinha também carroças, era muito sossegado. Ah que tempos gostosos esses!

A descendência de João era de franceses e ingleses. O nome dele é igual ao de seu avô, que gostava de tomar um bom vinho.

Eu me lembro.... me lembro...

Quantas coisas se passaram....

Quanto me custou....

Mas foi muito bom.

Para encerrar mais este capítulo sem mais delongas quero falar do guarda chuva do meu pai. Guardo-o como relíquia. É muito forte, continuo usando-o até hoje. Faz muito tempo que tenho, mas é meu e está inteirinho.

Ah, não posso deixar de mencionar meus filhos, embora não tenham se tornado sapateiros, têm uma profissão a de engenheiro civil e de atendente de loja.

Construí o meu canto, a chácara, como uma maneira de coroar a minha existência, tudo o que fiz e construí durante a minha vida.

Espero que meus descendentes conservem minhas lembranças como uma relíquia que se guarda no fundo do coração.

Boa Sorte! Feliz natal! Feliz Ano Novo! E Viva a Vida!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Paulo. *O Homem e a Serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1996.

BION, W. - *Introdução à psicanálise - Ataques ao Vínculo*. Rio de Janeiro, Imago, 1967.

BION, W. - *Elementos de psicanálise*. Imago, Rio de Janeiro, 1991.

ZIMERMANN, David E. – *Bion, da teoria à Prática*. Artmed, 2ª ed., Porto Alegre, 2002.